



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

AS DUAS MACIEIRAS

Por VIRGINIA LOPES de MENDONÇA

UM lavrador abastado, quando os dois filhos lhe nasceram, plantou duas macieiras.

Os rapazes faziam um ano de diferença um do outro.

Na ocasião da nossa história, andavam aí pelos onze ou doze anos.

O mais velho, chamado Miguel, era um garoto traquinas, azougado, que nunca parava quieto.

O outro, o Joaquim, a-pesar de mais novo, era ajudado e amigo de trabalhar.

Certo dia, o pai chamou-os e, mostrando-lhes as duas macieiras que estavam igualmente lindas, disse-lhes:

— «Vou entregar a cada um, uma destas árvores. Como vêm, têm as duas a mesma quantidade de flores. Agora, conforme o tratamento que tiverem, podem ganhar ou perder. Os frutos que derem serão para vocês.»

Entusiasmado e cheio de brio, o Joaquim nunca perdeu de vista a sua árvore.

Muito cuidadoso, tirava-lhe as lagartas, cavava a terra



à roda dela, punha-lhe estacas, para que não tomasse má posição e o sol e a humidade lhe entrassem bem na raiz. Parecia uma mãe cuidando do filho querido!

Todo se revia na beleza da macieira que, na verdade, cada vez se tornava mais forte e formosa.

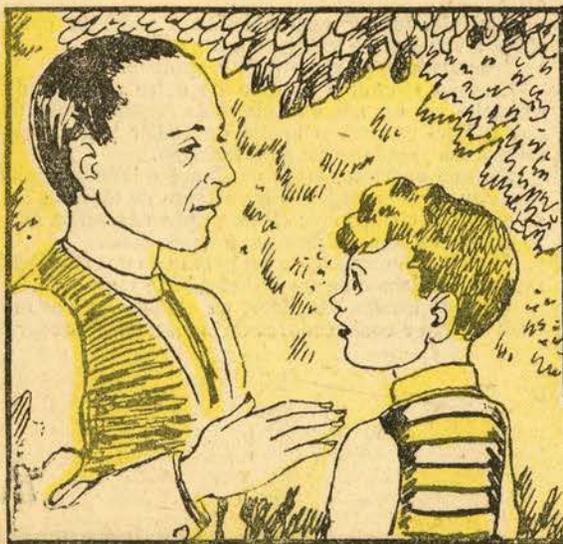
Miguel, pelo contrário, nunca cuidou da sua macieira. Só pensava em foliar com os outros garotos da aldeia.

Passava os dias a atirar pedras, a subir às árvores, roubando ninhos e fazendo outras proezas antipáticas e nocivas.

Andava sempre com as pernas tôdas escalavradas e o corpo cheio de nódoas negras dos trambulhões que apanhava.

Chegado o Outono, recordou-se das maçãs e foi, então, em procura delas.

Mas a macieira que o pai lhe dera, estava irreconhecível: com pouca folhagem e essa mesma amarela; as raras maçãs que pendiam nos ramos cheios de musgo, eram muito enfiadas e bichosas.



AQUELA ÁRVORE

≡ Por LAURA CHAVES ≡

NA velha floresta, um dia,
uma árvore nasceu
que os fortes braços erguia,
como a demandar o céu.

Era nova, forte e linda,
de ramadas verdejantes,
nunca ali se vira, ainda,
truncos, assim, tão possantes.

Quando o vento andava à solta,
rando, doido, em tufão,
e as outras, à sua volta,
vergavam até ao chão,

ela, num balanço lento,
curvava um pouco a folhagem,
como se, afinal, o vento
não passasse duma aragem.

Quando os elementos todos,
a chuva, o raio, o trovão,

praguejavam, com maus modos,
pondo tudo em convulsão,

ela apenas balouçava
a sua côma, a sorrir,
e inda mais bela ficava
depois da chuva caír.

Certa vez veio o não presta,
um bicho que as foi roendo,
e as árvores da floresta
aos poucos foram morrendo.

Mas ela, sempre direita,
pensava: — «Pode lá ser!
Em mim não dá a maleita,
sou nova para morrer.»

Para quê, pensar deslizes,
se o bicho, sem o sentir,
lhe foi roendo as raízes
e a fez, em breve, caír!



Esta história não se engeita
porque tem muita verdade!
A morte nada respeita,
nem força, nem mocidade.

Ao lado, a macieira do irmão resplandecia de beleza,
tôda carregadinha de esplêndidas maçãs.

Cheio de inveja e despeito, Miguel foi ter com o pai,
dizendo-lhe, furioso:

— «A macieira que me deu está sêca como um pau de
vassoura. Só lá tenho umas dez maçãs muito réles! O
Joaquim é que foi o seu protegido! A macieira dele é que
tem uma data de fruta! Ao menos, diga-lhe que a reparta
contigo.»



— «Que a reparta contigo? Então, os que trabalham
ainda hão-de sustentar os mandriões?! Aguenta-te! Tens
o que mereces pelo teu desleixo e escusas de me cha-
mar injusto. A tua árvore era tão forte e tão bem tra-
tada como a de teu irmão. Tinha a mesma quantidade de
flores; estava plantada no mesmo terreno. O Joaquim ti-
rou-lhe todos os insectos que lhe faziam dano, e tu deixaste

que eles te devorassem as flores e os frutos. Para teu cas-
tigo, vou entregar a tua árvore a teu irmão, visto que tu
não te importaste com ela. Vamos a ver se êle consegue
dar-lhe saúde e, se assim fôr, os frutos que nascerem, serão
dêle.»

Miguel desfazia-se em pranto, vexado e arrependido do
mal que fizera.

Então, o pai acrescentou, com mais doçura: — «Ainda
volto a fazer nova experiência: Vou dar-te outra macieira
do pomar. Se, por acaso, lhe acontecer o mesmo que a
esta, também essa irá parar às mãos do Joaquim. Vê lá
como te portas!...»

Miguel compreendeu quanto o pai era justo no que
dizia.

Humilde, foi ter com o irmão e pediu-lhe conselhos
sôbre a maneira de tratar a nova macieira,

Joaquim logo se prontificou a ajudá-lo.

Quando chegou o Outono do outro ano, o pai ficou
satisfeito por ver que a macieira do Miguel estava linda e
que o filho perdera o hábito de vadiar pelos campos e
tomara um grande amor pelo trabalho.

No ano seguinte, tanta confiança o lavrador tinha nos
filhos que lhes entregou o tratamento de tôdas as árvores
do pomar, dividindo com eles o produto da venda da fruta.

Assim, tornou os filhos uns homens úteis.

Miguel, reconhecido ao pai pela lição que êste lhe dera,
nunca mais deixou de ser trabalhador e sossegado.

Os dois irmãos são tidos, na aldeia, como os rapazes
mais activos e conhecedores de lavoura dos arredores.

F

I

M

ÁRVORE, AMIGA BEMDITA

Por JORGE PEREIRA JARDIM

TODA a história deve ter um herói; mais ou menos verdadeiro, mais ou menos imaginário, o herói tem que existir.

Pois bem; o protagonista deste conto, é um escoteiro, Carlos, bom rapaz que, como todo o escoteiro, que se presa, é sensato e alegre.

Costumava, durante as férias grandes, ir, com os avós, para a sua terra natal, uma linda aldeia do Minho.

Passeava, um dia, ao longo da estrada... Dum e doutro lado, estendiam-se vinhas, humildes, curvadas para o chão, ao péso dos seus cachos de ouro.

Era uma tarde de sol ardente, o lindo sol de Portugal...

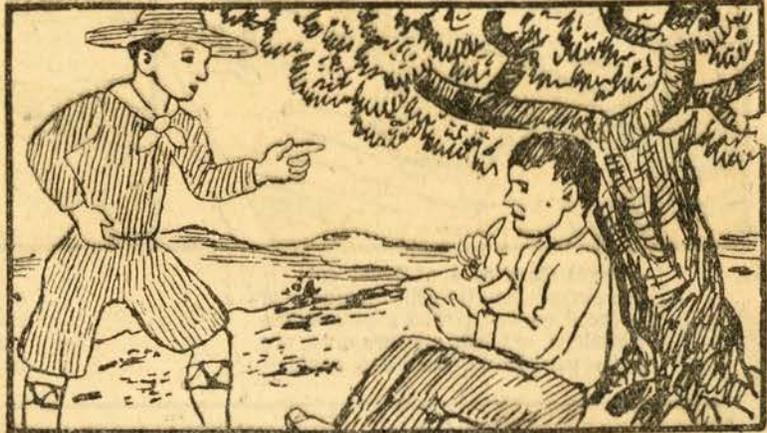
Carlos ia tão distraído na contemplação do lindo panorama, que nem, sequer, notou bem no que perto se desenrolava.

Um campónio, bondoso, como toda a gente do Minho, mas ignorante, sentado à sombra duma oliveira, cujos ramos o defendiam do sol, entretinha-se, com uma faca, a arrancar pedaços da casca de certa árvore.

O escoteiro, dando com os olhos no homem, aproximou-se e, delicada mas energicamente, perguntou-lhe:

— «Porque maltratas, tu, a árvore que te defende do sol? Acaso serias capaz de matar, ou torturar quem, numa noite de Inverno, te abrisse a porta, te desse uma ceia quente, lume para aquecer e cama para dormir?»

Então, o campónio, olhando para Carlos entre sério e irónico, respondeu:



— «Evidentemente que não; nunca levantaria a mão contra quem me ajudasse.»

— «Então, porque maltratas a árvore?!» retorquiu o escoteiro.

— «Ora essa! Porque não sente e não lhe faz diferença mais pedaço, menos pedaço de casca!»

— «Enganas-te; tornou Carlos: — A árvore sofre tanto como nós; é mais infeliz até, porque não se pode manifestar e, assim, sofre em silêncio as tropelias que os homens, na sua maioria por ignorância, lhe fazem.

O campónio, já sério, exclama então:

— «Tem razão; parece-me que deve ser certo; mas o menino, que vive na cidade, como aprendeu isso? Na escola?»

— «Sim. Mas não numa sala silen-

ciosa, limitada por quatro paredes. Foi no Escotismo, a melhor escola que existe, aquela cujas paredes são as montanhas e os vales e cujo teto é o céu, este céu tão azul de Portugal.»

No Escotismo aprende-se, brincando. Não é necessária uma vigilância contínua, nem se obriga a cumprir uma tarefa como quem leva um fardo. O escoteiro faz tudo a sorrir e tem uma Lei que lhe diz: «Ama os animais e as plantas» Por isso, nunca maltrata as árvores que são as nossas melhores amigas.

O campónio agradeceu, efusivamente, a Carlos, a sua lição, sentindo um vivo arrependimento pelo mal que tinha feito, já impossível de remediar mas, daí em diante, passou a amar as árvores.

CONCURSOS MENSAIS

HAVENDO reunido o Júri para apreciação dos trabalhos relativos à III série dos nossos *Concursos Mensais*, cujo objectivo consiste em dar estímulo às vocações literárias ainda não consagradas neste difícil género, após a leitura conscienciosa de todas as provas e em face da sua natural exigência pelo facto destes concursos se destinarem a adultos, decidiu conceder apenas o segundo prémio ao conto: — *As ambições dum coelhinho*, por Vinevi; destacar com uma especial menção o conto: — *O Cisne de borracha*, por Nél e conceder menções honrosas aos seguintes originais:

POESIA: — «A Toupeira e o Sol», por Poeta das Pragas; «Dois bons amigos», por Modesta concorrente; «A lógica do Chiquito», por Maria de Jesus dos Santos; «Máizinha», por Carlos (Barcelos); «O Zé Carlos», por Neco; «O meu Sonho», por Maria da Saudade; «Devemos ser obedientes», por Rodrigo.

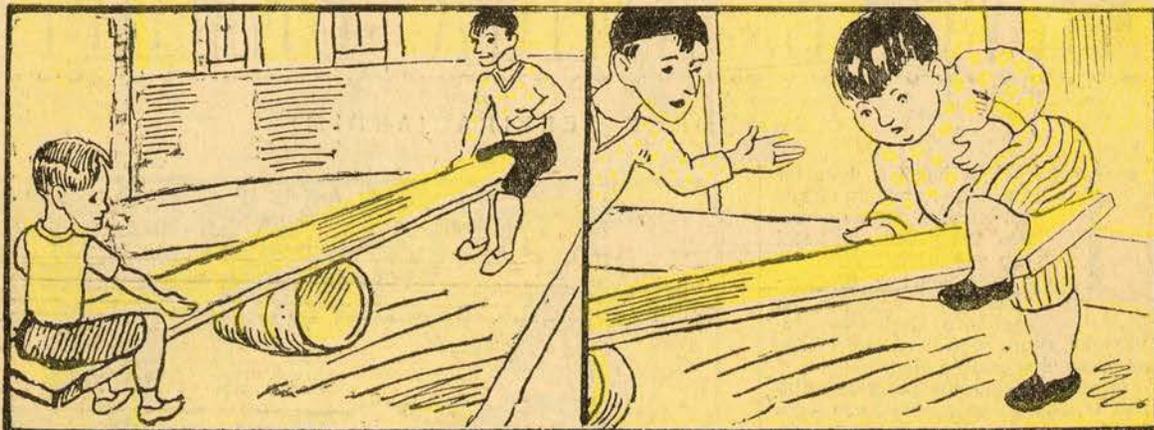
O Júri distinguiu com menção honrosa mas sem direito à publicação, por não serem de índole infantil, as poesias:

— «*Regresso ao Lar*», de António Freire Capelo Maurício; «*Amor filial*», por Maria de Jesus dos Santos, «*Saudades*», de Superbus, e «*Mistério*», de Dama Triste.

CONTO: — «*Ajudai o Menino Jesus*», por Fanny; «*História verdadeira*» — (Uma Lição) — por Tereza de Carvalho; «*O vestido rasgado*», por Saúde errante; «*Provérbios*», por Maria das Neves; «*O Orgulho da Lena*», por Fanny; «*A Batalha*», por Amigo dos Pequeninos; «*Amor Materno*» — (Adaptação dum conto francês) — por A. Freire Capelo da Silva Maurício; «*Depois da Tempestade*», por Leonel Figueiredo Pias; «*O Tio João*», e «*O Pastor*», por Maneco d'Amalan; «*Uma Diabrura de Izabelinha*», por António José de Almeida; «*Rosita*», por Ceulita; «*O Prémio da Indulgência*», por José de Campos Rodrigues.

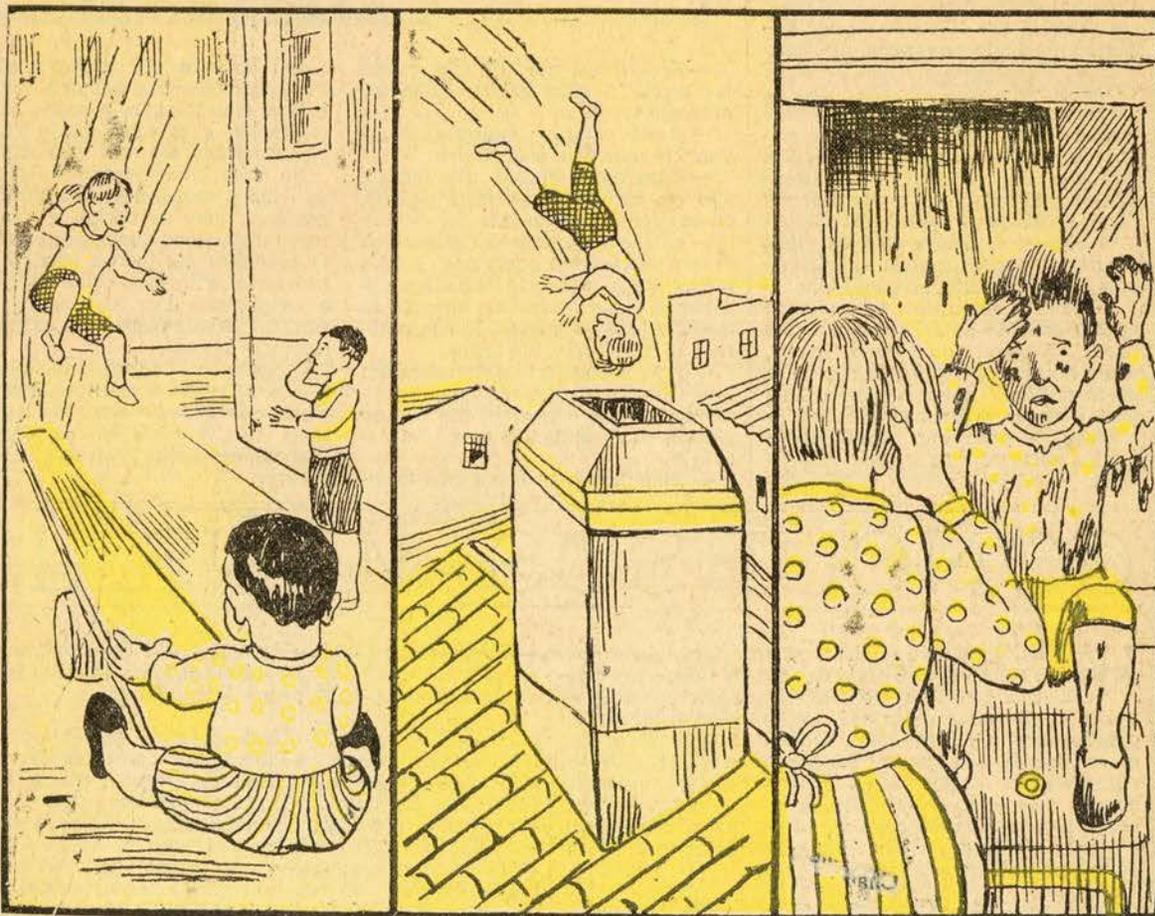
O Júri distingue igualmente com menção honrosa mas sem compromisso de publicação, em virtude de serem muito extensos, os contos: — «*Quem dá aos pobres*», de Eu-mesmo, e «*Amor da Verdade*», por Isoláina.

A imprevidência do Carlitos



I—O Carlitos e o Zeca, dois irmãozinhos magrículas, armaram um *balancê* no seu jardim e nele se entretinham, ora indo um para cima, ora outro para baixo, vezes sem conta.

II—Uma tarde, tendo-os visitado, o primo Jorge, um gorducho que pesava oitenta quilos, Carlitos e Zeca convidaram-o a brincar com eles no improvisado *balancê*.



III—Quando o Carlitos já estava escarranchado num dos extremos da prancha, o primo, com o auxílio dum banco, escarranchou-se no outro extremo.

IV—E o resultado não se fez esperar... Ao péso do primo Jorge, a prancha desceu de novo, com tanta rapidez que o pobre Carlitos foi cuspidó...

V—até que enfiou pela chaminé do prédio em que morava, vindo cair, desastradamente, em cima do fogão, em frente da cozinheira Maria Palonça... que não ganhou para o susto.

O ÚLTIMO MOINHO

Por FERNANDO A. DE SÁ

Os moinhos! Os lindos e majestosos moinhos! Girando ao vento, as suas velas muito brancas, num rodopiar consecutivo de endoidecer, os moinhos lá iam triturando o trigo, transformando-o em alva farinha.

Pelas nossas aldeias, eram eles, os moinhos, que nos davam aspectos encantadores, de região em região. Pareciam grandes sentinelas vigilantes, com sua linguagem especial, uma cantiga triste, a que as suas asas, grandes e altivas, davam sentido.

Que histórias, que segredos teriam esses moinhos?! Que quereriam eles dizer naquele vozear dos seus búzios, no decorrer da sua lufa-lufa de sempre?!

Mas, hoje, os lindos moinhos, mais velhos, mais arruinados, marcam (aqui e ali, um ou outro, desmantelado, velas rasgadas, e abandonados) uma saudade!

É que morreram os moinhos da nossa terra!

Contaram-me, há tempos, uma his-



tória bonita dum desses moinhos e do seu velho moleiro:

Havia numa aldeia pequenina, aconchegada nas colinas que a circundavam, vários moinhos de vento.

Não se viam senão as suas grandes asas desdobradas, rodopiando ao vento rijo. Dos arredores, vinham os aldeões trazer o seu trigo para moer. Era a grande riqueza, o bem estar daquela aldeia, a chamada aldeia dos moleiros.

Mas, um dia, apareceram por lá uns estrangeiros quasi misteriosos, que principiam montando uma fábrica de moagem. Foi uma novidade! Os aldeões, atraídos pelo moderno trabalho, deixaram as fainas dos velhos e antigos moinhos.

Foi a desgraça daqueles pobres moleiros.

Um por um, os moinhos pararam, deixaram de girar.

Por mais vento que soprasse, as suas velas quedavam-se numa imobilidade de tristeza.

Depois, foram desaparecendo e, em seu lugar, surgiram campos cultivados.

Mas havia um só moinho que ficara de pé. Era o de um velhote moleiro, daqueles velhinhos muito enrugados, que quasi nascera no moinho e que jamais deixara a vida de moleiro. So-treu imenso com a novidade da fábrica dos estrangeiros.

Nunca mais ninguém lhe levou trigo para moer. Contudo, — (coisa espantosa, que ninguém sabia explicar!) — o moinho do velho moleiro continuava a trabalhar. E à tardinha, quando o sol principiava a esconder-se, viam o velho moleiro, triste, macambúzio, caminhar atrás do seu burrico, carregado com sacos de farinha.

— «Boas tardes, velho moleiro! — (diziam-lhe os camponeses) — Então, o trabalho?...»

— «Graças a Deus, não falta!»

E nada mais dizia o velho moleiro. No seu moinho ninguém entrava. A porta sempre fechada, as grandes asas sempre em movimento.

O mistério começava a aguçar a curiosidade dos camponeses.

E um dia, alguém, aproveitando a ausência do moleiro, entrou no moinho.

A casa das mós estava vazia. Sacos de trigo, nem um! Nas pedras das mós notavam-se, em vez de alva farinha, teias de aranha. Sentia-se grande miséria. A um canto, uns sacos contendo apenas cal.

Era o segrêdo do bom velhote; era cal que o seu burrico, à tarde, transportava.



O velho moleiro, para salvar a reputação do seu querido moinho e fazer acreditar que continuava sempre a moer farinha, usava esta mentira.

O segrêdo espalhou-se pela aldeia. Todos se apiedaram daquele desgosto. E um belo gesto surgiu... Foi combinado levar, ao velho moinho, todo o trigo que restava nas casas.

Pela estrada, que conduzia ao moinho, viam-se numerosos burros carregados com sacos de verdadeiro trigo.

Dentro do moinho, o aspecto mudara! O pobre velho notara, ao regressar, que alguém lhe descobrira o segrêdo.

O seu moinho estava desonrado! E chorava, o moleiro.

Naquele momento, chegaram ao moinho os camponeses com os seus burros carregadinhos de trigo, e as sacas amontoaram-se à porta.

O moleiro pasmava. Não compreendia. Não queria acreditar que, novamente, o seu velho moinho iria moer trigo. Chorava e ria ao mesmo tempo, tal a sua alegria!

E dava graças a Deus por fazer voltar o trigo ao seu moinho, que logo principiou a moer os grãos.

Nunca mais o moleiro deixou de

O CESTINHO da COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS
POR ABELHA MESTRA

Minhas queridas Abelhinhas

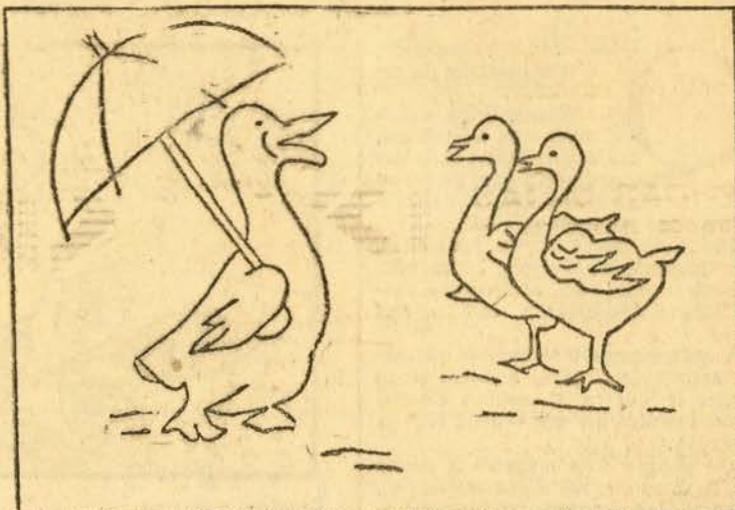
Temos, hoje, estes dois patinhos gémeos que alegremente pulam e brincam sob os olhares vigilantes da mamã, a D. Pata Patachoca, tão garrida e petulante!

Vejam como ela passeia pelas ruas do quintal com um ar de grande dama a proteger-se do sol abrasador!

Este conjunto, da pata e dos patinhos, é um engraçado motivo para os vossos bordadinhos.

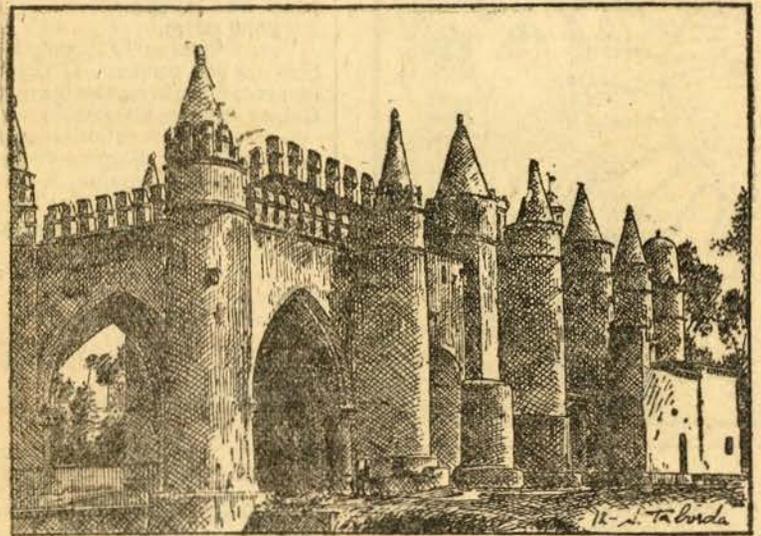
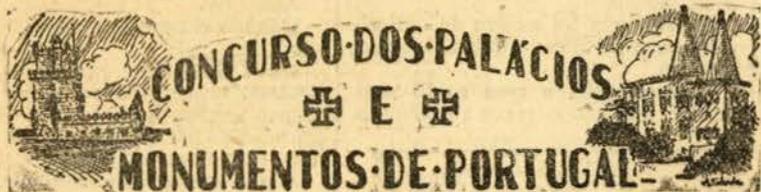
Podem com êle fazer sacos de guardanapo, uma toalhinha para a mesa do Bêbé e até aplicá-lo num bibe, fazendo, assim, com que êle fique atraente.

Bordem a pata grande com linha, brilhante, castanha. Pés e bico amarelos. Sombrinha encarnada.



Os patinhos em amarelo.
Olhos prêtos.

Recebam um grande abraço da vossa
amiguinha *Abelha Mestra.*



REFERÊNCIA AUXILIAR

Numa antiqüíssima cidade do Sul — a que já fizemos referência — berço de Garcia de Resende, cronista de D. João II, ergue-se este monumento que nos apresenta um caracter meio religioso, meio militar. O portal e a galilé são talvez as únicas indicações exteriores que atestam ali um templo cristão.

A sua construção foi iniciada em 1482, por ocasião da peste que assolou o reino e é produto dum voto dos habitantes da cidade que prometeram a um santo da sua devoção erguer-lhe uma ermida, caso essa peste terminasse. Segundo a tradição, não mais se fez sentir os seus efeitos, assim que se iniciou a construção da referida ermida.

Anexo, existiu um hospital provisório, construído em madeira, onde os doentes eram tratados com desvelado carinho.

O interior do templo foi forrado de azulejos em 1575, no reinado de D. Sebastião.

NOTA: — Na referência anterior, onde diz ter sido a catedral, primitivamente, um templo dedicado a Isis, divindade dos egípcios, não se deve tomar em conta de veracidade. Foi, se a tradição não erra, realmente um templo dedicado a Isis, mas como divindade grega assimilada à religião romana. Não é, portanto, de extranhar que semelhante templo se encontrasse entre nós, visto os romanos permanecerem durante muito tempo na Península.

ter trabalho para o seu moinho, que era tóda a sua vida.

Mas, dias depois, numa manhã, as velas do moinho não se moveram. Parecia que dôr profunda as impedia de girar ao vento, entoando a canção triste dos moinhos.

É que o velho moleiro morrera. Com a sua morte deixavam, também, de girar para sempre as asas do último moinho...

E assim, com este bom vèlhinho moleiro, também morreram os moinhos, os lindos moinhos da nossa terra, quedando-se os últimos numa saúde que, pouco a pouco, se vai dissipando, esvaíndo, como fino pó de grão triturado, voando a anichar-se e a embranquecer os tetos dos últimos moinhos!

F I M

A AMBIÇÃO DA ROSINHA

Por MANUEL FERREIRA

QUE lindo era aquele jardim à beirinha da estrada!...
Rosas, lírios e malmequeres floresciam, acarinhados pelo jardineiro que, de corpo e alma, fizera daquele terreno um pequenino Paraíso.

Tôdas as flores viviam satisfeitas, contemplando a paisagem. Tôdas, não. Uma rosinha fina, aristocrata, resmungava, descontente com a sua sorte.

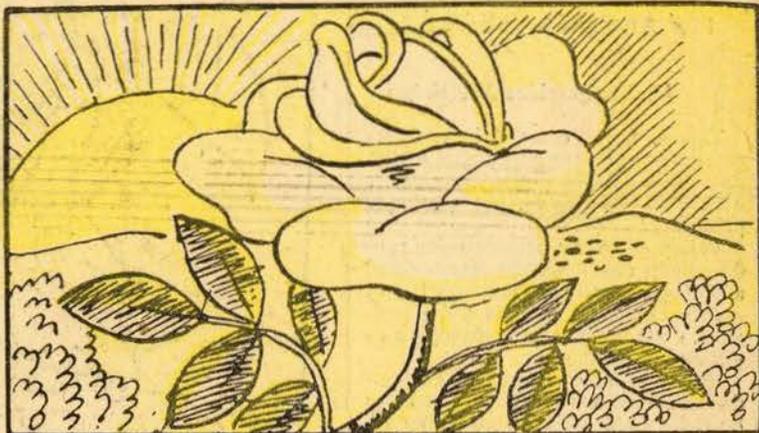
A cada momento se ouviam queixas da ambiciosa. Agora, andava ela a protestar contra a sombra de um velho castanheiro que — dizia ela — a desfeava.

«— Sempre êste monstro à minha frente. E eu que tanto queria estar só, à larga, sem nada que me incomodasse. Uí! Que falta de ar!»

As outras flores, mais sensatas e experimentadas, respondiam:

«— Deixa lá, rosinha. O castanheiro dá-te sombra. Por isso, o sol não te prejudica.»

Contudo, a vaidosa não compreendia a vantagem da sua situação. Refilava sempre, a ponto de ter de se convocar o tribunal das flores, num cantinho do jardim.



Presidiu o girasol.

A rosa escolheu para advogado o lírio. Mas o castanheiro, ao saber da questão, mandou um mosquito procurar, no reino animal, doutor de valia. O insecto escolheu, finalmente, o sábio mocho.

A audiência foi motivo de curiosidade para as flores e bichos que assistiram.

Vaidosamente, a rosa expôs suas razões: que não tolerava a existência

do castanheiro, por êste ser mais alto e imponente do que ela.

O mocho, na bancada, sorriu-se e disse à árvore:

«— Espera, que eu vou dar uma lição à vaidosa.»

Assim foi.

Quando chegou a sua vez, o mocho disse:

«— Todos têm direito a viver. Quando tu nasceste, rosa, já o castanheiro existia. E tu, em vez de seres agradecida por êle te defender do sol, vens acusá-lo em público.»

A rosa sucumbiu e foi condenada a pagar uma indemnização.

Tempo passa.

Vem o inverno. O temporal arrasta tudo no seu caminho. O castanheiro luta com o vento mas acaba por ceder. Cai, ouvindo-se um gemido tremendo.

A rosa ficou satisfeitíssima. Mas o tempo não pára. Surge o verão. O sol é impiedoso, abrasador. E a vaidosinha, pouco depois, gemia:

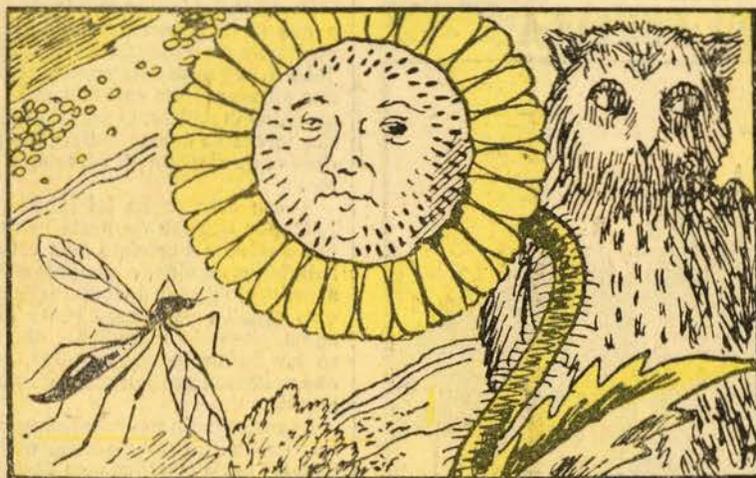
— Ai! Ai! Tanto sol! Quem me dera a sombra do castanheiro...

Queimada pelo Astro-Rei, a rosa desfez-se em pó.

Quando soube do sucedido, o doutor mocho observou:

«— Ê bem certo:—O arrependimento vem sempre tarde!

Mais vale dizer. «Bem fiz eu...» do que «Se eu soubesse...»



A ROSA PATETA — (Continuação da página 5)

culpará-me, chega-se a mim e zás! arruma-me um bofetada que intê vi as estrélas!...»

— «E' mentira, minha senhora — gemeu a Maria. — Realmente, dei-lhe uma bofetada. Mas não foi com força... Não podia tê-la maguado!...»

— «Quere nan que nan maguastes!... Olha que eu cá nan sou mentirosa!... Foi puxada com alma!... A senhora quere ver como foi?»

E antes que eu pudesse responder, sentia numa das minhas respeitáveis

bochechas tamanha bofetada, que por pouco dão desmaiei...

Sufocada, nem pude protestar. E a Rosa continuou:

— «Ora veja a senhora se foi ou não com força!... De maneiras que fiquei danada, atirei-me a ela e puxei-lhe aquelas rêpas...»

— «Basta!... Basta! — consegui eu gritar, então, enquanto recuava, no receio de que a Rosa apetecesse também arrancar-me os cabelos, para explicar melhor o que se passara.

— Não contes mais!... Pronto!... Acabou!... Juro-te que não me interessa!...»

Escusado será dizer que, no dia seguinte, devolvi a rapariga à mãe, com um bilheteinho:

— «Quarde-a bem. É um tesouro. É mais difícil achar outra igual a esta, do que encontrar minas de ouro na Polinésia!...»